

6 Metodologia

6.1 Tipo de pesquisa

O desenho metodológico adotado nesta investigação se constituiu num *estudo de casos múltiplos*, nos termos propostos por Yin (2001), culminando na *análise de conteúdo* via categorias temáticas segundo a orientação de Bardin (1977), objetivando uma coleta e uma posterior análise dos dados empíricos que chegasse, da melhor maneira possível, a algumas respostas às questões propostas inicialmente.

Para a consecução dos objetivos da pesquisa, nos inspiramos nos processos usados em pesquisas de trajetória de vida através de entrevistas em profundidade, sendo que todas as entrevistas, em conjunto, ofereceram suporte a um estudo de casos múltiplos representados pela *unidade básica do processo de construção autoral da tese* dos sujeitos-doutores.

Inúmeras razões podem levar à escolha da modalidade *estudo de caso* em uma pesquisa, mas a primeira delas a ser analisada é o tipo de questão proposta, e consequentemente que objetivo se deseja alcançar com o estudo. Comparando modalidades como experimento, levantamento de dados, análise de arquivos, pesquisa histórica e estudo de caso, Yin (2001, p. 24-25) utiliza o artifício de interrogar a modalidade da questão feita pelo pesquisador.

No caso do presente trabalho, entre as possibilidades *como, porque, quem, o que, onde, quanto*, a que pareceu melhor se encaixar foi a *como*, isto porque procuramos indagar como se realizava um processo, ou seja, de que maneira se desenvolveu uma determinada atividade ao longo do tempo, com o objetivo de entender e descrever as características e as tendências dessa atividade. Para este fim, indagar diferentes sujeitos a respeito de sua atividade de autoria acadêmica, que se desenvolveu ao longo de alguns anos de suas vidas, através do estudo de caso de cada um deles, foi uma alternativa adequada ao tipo de questão proposta.

A modalidade de investigação escolhida requer a definição de sua unidade básica de análise. Por isso foi definido o *processo de construção autoral de uma tese acadêmica* como unidade básica de estudo, não sendo analisado, embora possa ser em outras situações de estudo, nem um evento e nem uma instituição específica, constituindo-se o número de estudos de caso de acordo com o número de sujeitos participantes nesta fase do estudo (para cada sujeito uma tese e um processo de construção autoral correspondente). Como limitador dessa escolha, podemos adicionar que os processos estudados foram aqueles em que o sujeito fez uso de recursos digitais (computador e internet) para sua pesquisa e construção autoral, critério este fundamental na escolha dos sujeitos participantes.

O número de casos não foi um número fixo, a priori, pois o trabalho de ida a campo indicou maior ou menor necessidade de procurar sujeitos, à medida que respostas para as questões de estudo foram sendo alcançadas e novas circunstâncias encontradas mudaram o próprio desenho da pesquisa.

Não constou, desde o início da pesquisa, o objetivo de coletar uma amostragem significativa do universo total de sujeitos. Pelas características da pesquisa, optamos pela procura de sujeitos que pudessem gerar contrastes de experiências e diversidade de situações ao serem comparados entre si em seus depoimentos, interessando mais do que simplesmente a constatação estatística de comportamentos previamente supostos.

Logo, procuramos seguir as recomendações oferecidas por Alves-Mazzotti (2006), que a partir de Robert Yin (1984) afirma:

Tal como os experimentos, os estudos de caso, portanto, não representam “amostra” cujos resultados seriam generalizáveis para uma população (generalização estatística), o pesquisador não procura casos representativos de uma população para a qual pretende generalizar os resultados, mas a partir de um conjunto particular de resultados, ele pode gerar proposições teóricas que seriam aplicáveis a outros contextos. A isto Yin (1984, p.39) denomina “generalização analítica”.

Segundo Yin (2001, p. 58), “na generalização analítica, o pesquisador está tentando generalizar um conjunto particular de resultados a alguma teoria mais abrangente”. Dessa forma, os resultados encontrados poderão ser testados em outros casos, replicados em outras situações em que o objeto de pesquisa seja o mesmo, confirmando ou não a teorização gerada inicialmente. A generalização

analítica funciona através da *lógica da replicação*, e nos estudos de casos múltiplos essa replicação pode ser testada no conjunto de casos obtido.

Convém também especificar que o *estudo de casos múltiplos* se contrapõe ao *estudo de caso único*. No estudo de caso único, de acordo com Yin (2001, p. 61-63), contamos com três situações principais para seu uso: ser *decisivo* para a testagem de uma teoria; ser *raro* ou *extremo* e, portanto, não facilmente localizável; ser *revelador* a respeito de um fenômeno previamente inacessível à investigação científica. Não pensamos que este estudo se localize em nenhuma destas situações listadas, pois a elaboração de uma tese com o uso do computador e da internet por doutorandos vem se tornando cada vez mais uma obrigatoriedade no meio universitário nesta fase de transição dos suportes de leitura e de escrita, especialmente a partir dos anos 2000, conforme foi indicado na revisão de estudos empíricos no Capítulo 3.

O que se percebe é que essa modalidade processual de pesquisa ajudou a entender, pouco a pouco e de maneira comparativa e cumulativa, o fenômeno mais amplo do uso de tecnologias digitais na construção autoral de doutores em suas teses e na própria dinâmica específica de trabalho na academia, sendo mais importante do que a escolha de algum caso específico e seu aprofundamento ultradetalhado, o que pode limitar as descobertas às idiossincrasias de um único sujeito. Foi pensando nessa modalidade de estudos de caso que na fase de análise foi produzida uma ficha resumitiva de cada caso, o que Yin (2001, p. 73) chama de *relatório de caso individual*, assim como um gráfico na forma de mapa mental evidenciando as especificidades de cada um deles (ver Anexo VI), para comparação de tendências e possibilidades de elaboração de perfis.

Optamos por este desenho metodológico por dois motivos. O primeiro é que após a construção autoral e sua defesa frente à banca, o sujeito já distante do “calor dos acontecimentos” que caracterizam a tensão de sua fase final de doutoramento, provavelmente tem maior distanciamento ao fazer a recapitulação e análise dos acontecimentos vividos por ele durante a elaboração do texto acadêmico, tendo inclusive a visão completa do processo. O segundo motivo é que o desenvolvimento da coleta dos depoimentos, mesmo que focados apenas no processo acadêmico, demandou encontros presenciais para entrevistas em profundidade, incompatível com um período de vida em que a dedicação e os

esforços de atenção estão todos direcionados para a feitura do texto da tese (fase final da pesquisa), uma questão de respeito ao momento vivido pelo sujeito.

Quanto à significância dos casos propostos para a análise, podemos dizer que ela é *contextual* e de *ordem tecnológica*, ligada principalmente à contemporaneidade do caso e não a acontecimentos distantes como em uma pesquisa histórica, visto que o período proposto é o de realização da construção autoral da tese na primeira década deste século (2000-2010), marcada por uma expansão vertiginosa de técnicas e tecnologias em suportes digitais que, por hipótese, estão afetando, de alguma maneira, o processo de desenvolvimento da pesquisa acadêmica. Tal expansão gera, a princípio, repercussões na autoria acadêmica estudadas muitas vezes de maneira geral (Oliveira & Noronha, 2005), sem o devido aprofundamento em casos particulares em que os meios digitais se mesclam com a utilização de meios convencionais de armazenagem e transporte do saber científico, gerando novas formas de acesso, de busca, de leitura, de escrita, de organização e de comunicação entre pesquisadores acadêmicos.

Portanto, antes de avaliar isoladamente as condições tecnológicas instrumentais de produção de teses (uso do computador e da internet) através, por exemplo, de questionários e obtenção de dados estatísticos (dominante quando analisada a literatura a respeito desse tema), propomos aqui uma imersão em variáveis sociais, acadêmicas, contextuais e familiares dos sujeitos, com possíveis convergências em suas trajetórias e a consequente generalização analítica quando possível.

6.1.1

Alguns apontamentos sobre limitações desta pesquisa

É sempre bom realizar uma reflexão sobre fatores limitantes da pesquisa, a fim de esclarecer aquele que lê o texto e evitar a apreensão de resultados sem tais avisos prévios. De maneira objetiva serão analisados aqui quais fatores foram limitantes nesta pesquisa.

O primeiro fator seria o conjunto de casos obtidos para o estudo. Tivemos plena consciência de que para realmente haver uma análise completa de cada perfil, através das categorias temáticas obtidas na análise de conjunto inicial, seriam necessárias entrevistas seriadas com o mesmo sujeito, ao modo das

histórias de vida, mais completas no conteúdo, porém com foco dirigido. Isso porque o sujeito nunca se revela totalmente em uma primeira entrevista, ainda mais quando não conhece o entrevistador, e segundo porque o entrevistador nunca saberá perguntar tudo que necessita, justamente porque só o saberá quando a análise dos dados estiver em andamento e as lacunas de informação e questões surgirem por completo (e o completo nunca será completo de fato, exigindo outras rodadas). Portanto, um quadro que mostre a fotografia de um caso nunca é o caso completo em si, não reflete a totalidade de experiências do sujeito, mas aquilo que foi permitido pelo sujeito ser mostrado naquele momento em que se realizou a entrevista.

O segundo fator de limitação deste estudo se refere à própria limitação imposta na amostra de sujeitos, ou seja, eles pertenciam a duas universidades distintas (salvo alguns que tinham estado em outras universidades antes do doutorado e os dois casos de exceção apresentados anteriormente). Além disso, são sujeitos de duas regiões distintas e com culturas e histórias próprias, Rio de Janeiro e Milão (ver o Capítulo 4 e 5). Dessa forma, foi possível esboçar alguns fatores gerais, mas nunca saberemos se são gerais até um estudo de maior amplitude ser realizado, preferencialmente de maneira quantitativa com aplicação ampla de questionários buscando efetiva generalização estatística de fenômenos apontados como tendências no próximo capítulo em que são analisados os dados.

O terceiro fator é o da abrangência bibliográfica. Reconhecemos que nunca será possível saber quantos estudos de fato já foram feitos dentro dessa temática, mesmo rastreando bases de dados recentes e integradas, em diversas línguas, pois o número de periódicos, assim como de teses e dissertações é verdadeiramente imenso. Dessa forma, este estudo sempre correrá o risco de dizer o que já foi dito e investigado em outras partes do mundo, cabendo aqui sinceras desculpas pela impossibilidade real, em plena era de expansão da atividade científica em redes mundiais, de fazer a requisição de originalidade. A única originalidade que podemos garantir é desta amostra de doutores obtida e de suas experiências particulares relatadas.

6.2

Atores da pesquisa

Foram atores principais da pesquisa doutores formados entre os anos 2005 e 2010, com graus diferentes de disponibilidade e apropriação de recursos comunicacionais digitais (entendidos aqui basicamente como uso do computador e da internet) e diferenças culturais em seus usos, ligados a universidades de origem católica (PUC-Rio e UCSC) e com histórico de ensino situado entre as melhores universidades em cada país, uma no Brasil e outra na Itália.

Entre as características que os uniram quando classificados como sujeitos da pesquisa estão: (1) serem doutores formados, entre os anos 2005 e 2010, preferencialmente com doutorado pela PUC-Rio e na UCSC, admitindo-se exceções a partir dos casos encontrados em campo, mas sempre com alguma formação ligada a uma das duas universidades (graduação e pós-graduação *lato sensu* ou algum trabalho desenvolvido dentro da universidade, por exemplo), (2) terem pertencido a cursos de doutorado em Educação (maioria) ou com temas ligados à Educação em outro curso de doutorado (minoridade) e seus equivalentes no sistema educacional italiano, (3) terem tido acesso ao computador e razoável utilização da internet como uma das fontes de pesquisa e elaboração da tese durante o doutoramento.

Quanto ao número de atores, inicialmente pretendia-se limitá-los ao ponto de saturação da pesquisa, ou seja, quando os dados obtidos comesçassem a se repetir com frequência e a realização de novas entrevistas pouco ou nada acrescentaria de novidade ao estudo. Porém inúmeras contingências encontradas na pesquisa de campo levaram ao número de 16 entrevistados como total para o conjunto de casos e procuraremos indicar estes fatores limitantes a seguir. Cabe assim evidenciar que esta limitação ao final do estudo não foi fator comprometedor, visto que as recorrências encontradas foram satisfatórias, sendo de igual importância as ausências e contrastes encontrados nos usos do computador e da internet na construção das teses desses doutores.

Em primeiro lugar, procuramos um equilíbrio numérico entre os entrevistados no Brasil e na Itália, para que a representatividade e o volume de dados fossem aproximadamente iguais e consumissem tempo e esforços de análise

em igual proporção. Seguindo esta estratégia chegamos a um total de 8 entrevistados na Itália e 8 entrevistados no Brasil.

Na Itália, o contato com os entrevistados foi o tempo todo intermediado pelo orientador de pesquisa no período de permanência por lá (outubro de 2010 a maio de 2011), o coordenador do CREMIT e professor Pier Cesare Rivoltella, pois, diferente dos brasileiros, entre os italianos (ao menos aqueles que habitam a parte norte do país) não é comum o hábito de responder a solicitações de pessoas desconhecidas.

É bom enfatizar que essa intermediação se alongava no tempo por dois motivos principais. O primeiro era o agendamento de compromissos, algo dificultoso no meio acadêmico italiano, levando a realização de entrevistas após algumas semanas da realização do contato inicial e em alguns casos pela demora em responder aos e-mails enviados. Somou-se a este processo a não disponibilidade da maioria dos doutores em participar como sujeitos da pesquisa, fato este evidenciado pela ausência de respostas ao convite enviado via e-mail para 50 pessoas formadas no doutorado em Educação da UCSC entre 2005 e 2010.

Dessa forma, o total de 4 entrevistados ligados ao CREMIT e 4 entrevistados extra-CREMIT limitou a amostragem total a ser feita no Brasil, seguindo o critério escolhido de existir uma equivalência numérica de casos. Cabe enfatizar que, após o retorno ao Brasil, a fase de entrevistas extra-JER foi extremamente facilitada pela disponibilidade dos sujeitos que responderam prontamente à carta enviada a eles em nome da orientadora, com respostas positivas ultrapassando o necessário para o estudo em pouco mais de 24 horas após o envio (a diferença cultural de abertura a pessoas desconhecidas foi marcante).

Os contatos no Brasil foram facilitados também pela vantagem de encontrar os e-mails atuais dos pesquisadores através de buscas na plataforma Lattes do CNPq e nos sites das universidades que pertenciam, algo difícil de obter na Itália pela inexistência de plataforma online pública de currículos. Na Itália a dependência da secretaria do curso de doutorado no envio dos contatos por e-mail, mais a intermediação do orientador transformaram um processo a princípio simples em algo que demandou longo período de espera e posterior ausência de respostas.

Outro fator determinante na limitação de sujeitos foi o processo de transcrição ser extremamente lento, mas que, por outro lado, oferecia em cada entrevista transcrita, um caudal de dados que ultrapassava de muito as expectativas.

O último fator limitante foi a questão do tempo disponível para realização do estudo, pois cada entrevista, para ser realizada, consumia em média um mês de trabalho, envolvendo as seguintes etapas: (1) a busca do sujeito, (2) o contato inicial, (3) o agendamento em local pré-acordado, (4) a realização propriamente dita da entrevista, (5) a transcrição, (6) a impressão para leitura, (7) a análise inicial, (8) o fichamento da entrevista em tópicos e (9) a inserção da mesma no corpo de dados geral. O período de realização de entrevistas se estendeu de maio de 2010 a setembro de 2011, um total exato de 16 meses.

6.2.1

CrITÉRIOS para escolha dos atores

A escolha dos doutores participantes deste estudo foi determinada pelos seguintes critérios:

O primeiro critério foi o período em que a tese foi gestada. Os doutores foram selecionados de acordo com sua formação entre os anos 2005 e 2010, por um motivo bem definido: a segunda parte da década de 2000 se caracteriza pela de expansão de ferramentas da Web 2.0 (O'Reilly, 2005), tais como a Wikipédia, Orkut, Facebook, Twitter e Blogs automáticos, assim como o desenvolvimento de mecanismos de buscas textuais avançados, tanto por empresas de busca como o Google através dos serviços Google Books e o Google Acadêmico, quanto por universidades que integraram seus bancos de dados e os disponibilizaram através de buscadores de abrangência mundial, devidamente adaptados pelas bibliotecas universitárias ou por portais de conteúdos abertos.

É um período em que o uso da Web 2.0 se consolida e a disponibilização de textos pelos internautas cresce significativamente (blogs, wikis, redes sociais), com a proliferação tanto de textos não-acadêmicos, como de textos acadêmicos a partir do crescimento da disponibilidade de teses e dissertações on-line (bibliotecas online universitárias) e de repositórios de revistas científicas (SciELO, ERIC, JSTOR). É um período também marcado pela expansão da banda larga e

conseqüentemente um maior acesso a arquivos e aplicações multimídia produzidas pelos internautas. Cabe enfatizar que este estudo não é sobre fenômenos de longo prazo e sim transformações rápidas, presentes principalmente nas duas últimas décadas, sendo necessário que os casos relatados tenham ocorrido com poucos anos de defasagem do tempo presente.

O segundo critério foi a origem do doutor. Uma parte dos doutores pertencia a uma universidade privada que oferecia grande quantidade e variedade de cursos de pós-graduação em ciências humanas e sociais, no caso a *Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro* – PUC-Rio, que também contém o curso de doutorado em Educação. Outra parte foi selecionada em uma universidade na região de Milão, onde o *CREMIT* atua com suas pesquisas, no caso a *Università Cattolica del Sacro Cuore*, com ampla variedade de cursos de pós-graduação em ciências humanas e sociais e em especial o curso de doutorado em Educação. Tivemos um caso excepcional no Brasil e outro na Itália onde o doutorado foi realizado em outra instituição, mas pela relevância dos depoimentos eles foram incluídos na amostragem final, visto que antes de valorizar absolutamente a origem do sujeito o interesse maior era o processo de escrita da tese.

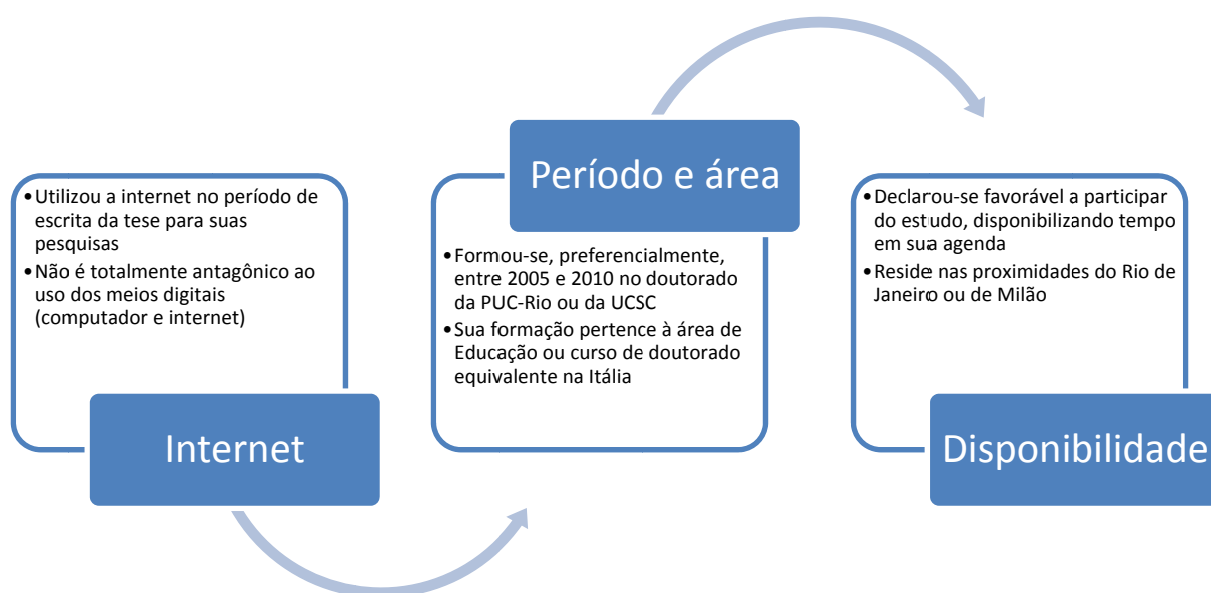


Figura 11 - Critérios de seleção dos sujeitos participantes da pesquisa

Por fim, um critério crucial foi a declaração de ter utilizado a internet como fonte de pesquisa e construção autoral da tese de doutorado, em algum

nível, mesmo que mínimo. Sem este uso a pesquisa seria inviável, pois seu objeto de estudo não seria encontrado nos depoimentos obtidos nas entrevistas e mesmo em sua realização as perguntas básicas do roteiro não poderiam ser respondidas (fase 1).

É preciso enfatizar que não foi critério de seleção a pesquisa acadêmica realizada pelo doutor propriamente dita, ou seja, não foi aplicado qualquer critério referente à pertinência, originalidade, coerência e validade da tese defendida em seu campo científico, visto que este trabalho foi realizado pelo orientador e pela banca examinadora que concedeu a titulação ao doutor entrevistado. Procurou-se chegar ao momento da entrevista com o mínimo de informação a respeito do entrevistado, tendo em geral aquelas especificadas pelo orientador de pesquisa, no caso italiano, e pela listagem de doutorandos, informações ditas pela orientadora de pesquisa e temas da tese ou currículo Lattes no caso brasileiro. Optamos sempre por descobrir os detalhes da trajetória de vida através da própria fala do sujeito e não por meio de documentos que pudessem influenciar de modo determinante a abordagem e seleção de perguntas.

Porém, a verificação de seus trabalhos acadêmicos e a continuidade no desenvolvimento de artigos em novos projetos de pesquisa, após a conclusão do doutorado, foi critério relevante para escolha, quando possível a sua obtenção, visto que o desenvolvimento de uma carreira acadêmica e produtiva é forte sinal de que houve interesse e motivação elevados na pesquisa realizada durante a fase de doutoramento, aspecto este que poderia oferecer rica quantidade de dados traduzidos em experiências vividas. No Brasil este acompanhamento pôde ser feito via consulta breve ao currículo na Plataforma Lattes, porém na Itália dependeu diretamente dos contatos e relacionamentos do co-orientador da pesquisa, Pier Cesare Rivoltella, que fazia a seleção dos sujeitos a partir dos critérios que eram informados a ele. Todos os 16 entrevistados para este estudo tinham um vínculo universitário, mesmo que no momento fosse em atividades administrativas institucionais, não-docentes, como administração de cursos junto a professores ou participação em grupos/laboratórios de pesquisa.

Um critério amadurecido durante o decorrer das entrevistas foi dividir os sujeitos em dois subgrupos numericamente proporcionais. O primeiro subgrupo seria formado por 4 sujeitos ligados a cada um dos grupos de pesquisa parceiros nas duas universidades, o JER na PUC-Rio e o CREMIT na UCSC. O segundo

subgrupo seria composto por 4 sujeitos fora do círculo de relações dos dois grupos de pesquisa. Adotamos esse critério primeiro pela escassez de sujeitos disponíveis para entrevista na Itália, levando à entrevista de pessoas próximas ao CREMIT e em segundo lugar pelo rico material obtido nas 4 entrevistas iniciais feitas no Brasil com 3 integrantes do JER e 1 por indicação de integrante do JER, que se encaixavam nos critérios definidos para a pesquisa. Outro ponto a ser ponderado é que a ligação a grupos de pesquisa que versam sobre TICs na Educação garantiria, por hipótese, que ao menos metade dos entrevistados fossem sujeitos com certo grau de uso acima da média das mídias digitais, mesmo que visando o tema de pesquisa adotado e o trabalho acadêmico formal.

6.2.2

Exclusões de entrevistas e algumas exceções

Destacamos a existência de 3 sujeitos que foram exceção nos critérios de seleção para este estudo, mas por apresentarem conteúdo relevante em suas entrevistas foram incorporados na pesquisa. O primeiro foi na primeira fase de estudo no Brasil (sujeito N4), uma doutora atuante em universidade particular e outra pública no Rio de Janeiro e colega de uma das entrevistadas do JER, trabalhando na mesma instituição que esta integrante do JER trabalha atualmente como professora.

A segunda exceção ocorreu na Itália, com uma estudante do curso de doutorado em fase avançada de pesquisa (sujeito N5), no terceiro ano e em vias de se formar, apresentando dados relevantes sobre características do curso de doutorado na UCSC recentemente modificadas pela direção do curso, impossíveis de se obter com outros sujeitos formados em anos anteriores e com utilização intensiva de mídias digitais em sua pesquisa.

O sujeito N8, embora não se caracterize totalmente como uma exceção ele teve formação fora da UCSC, porém tem ligação direta e constante com os trabalhos desenvolvidos pelo professor Pier Cesare Rivoltella no CREMIT, se constituindo um sujeito atuante na área de Educação e valendo a pena ser incluído na amostra. Nenhuma das três entrevistas prejudicou o entendimento do objeto de pesquisa, pelo contrário, contribuíram para melhor entendimento dos usos da

internet e do computador na escrita da tese por diferentes ângulos e aspectos detalhados no capítulo de análise de dados desta tese.

Foi necessário optar pela exclusão de duas entrevistas e cabe aqui explicar os motivos. Uma delas foi realizada na Itália e a entrevistada não se mostrou disponível a responder as perguntas, estava com pressa para uma reunião agendada e não estava concentrada no que era perguntando, dando respostas vagas e sem aprofundar-se nos temas questionados, pois estava sempre preocupada com a chamada que ia receber no celular.

A segunda entrevista excluída se realizou no Brasil e a entrevistada relatou que o processo dela de uso do computador e da internet na escrita da tese era bem limitado, sendo boa parte das tarefas, como a formatação do material, realizadas por suas secretárias, limitando o uso do computador a aspectos tão básicos que não valeria a pena transcrever todo material, apresentando respostas muito mais centradas em sua história de vida do que na escrita da tese propriamente dita. Em ambos os casos a transcrição das entrevistas exigiria um esforço de trabalho com retorno mínimo de dados relevantes.

Dessa forma, sinteticamente, apresentamos os sujeitos de acordo com a tabela a seguir, em ordem cronológica de entrevistas:

Subgrupo	Código do Sujeito	Data da entrevista (ordem cronológica)	Formação no doutorado	Idioma
Ligados ao JER	BR.N1	5 de maio de 2010	2005-2009	Português Todas as entrevistas foram realizadas no Rio de Janeiro.
	BR.N2	18 de maio de 2010	2003-2007	
	BR.N3	9 de set. de 2010	2004-2008	
Indicação do JER, formada fora da PUC	BR.N4	23 de set. de 2010	2004-2009	
Ligados ao CREMIT	IT.N5	18 de nov. de 2010	2008-2011	Italiano Período de pesquisa de doutorado sanduíche passado na Itália entre outubro de 2010 e maio de 2011.
	IT.N6	2 de dezembro de 2010	2003-2006	
	IT.N7	11 de janeiro de 2011	2002-2005	
Formado fora da UCSC	IT.N8	25 de janeiro de 2011	2004-2007	
Fora do CREMIT	IT.N9	21 de fevereiro de 2011	2004-2007	Todas as entrevistas foram realizadas e transcritas durante a estadia em Milão.
	IT.N10	15 de março de 2011	2003-2007	
	IT.N11	04 de abril de 2011	2006-2008	
	IT.N12	06 de abril de 2011	2005-2008	

Fora do JER	BR.N13	11 de agosto de 2011	2004-2008	Português Todas as entrevistas foram realizadas no Rio de Janeiro, com exceção de uma entrevista em Nova Iguaçu.
	BR.N14	19 de agosto de 2011	2004-2008	
	BR.N15	5 de setembro de 2011	2007-2010	
	BR.N16	13 de set. de 2011	2006-2010	

Quadro 11 - Resumo das entrevistas realizadas e procedência dos sujeitos.

6.3

Instrumentos utilizados na coleta de dados

Para a coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos: entrevista semi-estruturada e o diário de campo.

6.3.1

A entrevista

As entrevistas se configuraram como semi-estruturadas e seguiram um roteiro inicial que teve por objetivo não haver o afastamento de seu desenvolvimento do foco da pesquisa. Assim sendo, construiu-se o roteiro contendo questões que foram agrupadas por assuntos logo no início da investigação, obedecendo em sua estrutura as questões problematizadas na fase do projeto de pesquisa. O roteiro se encontra nos Anexos I (versão em italiano) e III (versão em português).

Esse roteiro sofreu algumas modificações para seu aprimoramento, sem que, contudo, comprometesse a qualidade e a sua fidedignidade aos propósitos iniciais, pois alcançamos desde o começo os principais aspectos objetivados nas entrevistas, embora menos estruturadas na sequência de perguntas feitas, mas não nos assuntos abordados. Este fato pode ser comprovado na fase de análise do material, quando as primeiras entrevistas forneceram trechos que preenchiam quase todas as categorias de análise elencadas (nenhuma entrevista preencheu todas as categorias criadas).

O roteiro foi dividido em 3 fases.

Na primeira fase, chamada “Aquecimento”, o objetivo era que o entrevistado narrasse como foi sua formação acadêmica, que cursos escolheu, em que época estudou e que temas teve interesse de explorar durante suas pesquisas de especialização, mestrado e doutorado. Nessa fase, o entrevistado teve como

tendência contar detalhes de sua vida, como escolhas profissionais e acadêmicas, ficando mais a vontade. Também nesta fase era perguntada a história pessoal quanto ao uso do computador e da internet, visando resgatar memórias relacionadas aos primeiros usos dos suportes digitais e como foram se desenvolvendo esses usos ao longo do tempo. Além de servir de aquecimento, nesta fase foi possível captar elementos que serviram de gancho nas etapas seguintes, assim como preparar o terreno para as perguntas mais específicas, deixando o entrevistado mais a vontade.

Chamamos a segunda fase do roteiro de “Construção da tese”. Nesse momento, os objetivos de pesquisa eram materializados na forma de questões. Essa fase envolvia o uso do computador e da internet durante o doutorado, na escrita da tese; o uso de fontes de referência formais, impressas ou digitais, e o modo como as buscou; o momento de escrita da tese; a organização do texto da tese; a organização dos arquivos no computador e na internet; os modos de comunicação com outros pesquisadores e sujeitos da pesquisa, como foram realizados; a percepção sobre confiabilidade de fontes.

Denominamos a fase final de “Revisão e encerramento”, quando convidava-se o entrevistado a refletir sobre o que mudou em seus usos do computador e da internet nos últimos 10 anos, entre 2000 e 2010. O objetivo aqui era observar que pontos o entrevistado levantava quanto ao seu uso da internet e do computador, as percepções que possuía sobre a última década, marcada pelo aprofundamento e expansão da Web 2.0 e dos serviços online. Questões mais gerais como excesso de informações, velocidade das tecnologias e uso do tempo puderam ser feitas, caso não tivessem sido mencionadas nas fases anteriores da entrevista. Essa parte final me serviu de balanço e espaço para preenchimento de lacunas percebidas e que poderia-se trazer à tona, deixando o entrevistado mais livre para mencionar aspectos não evidenciados pelas perguntas iniciais aplicadas. Dependendo do tempo que a entrevista havia consumido e dos sinais de cansaço do entrevistado esta última fase era encurtada ou expandida.

É importante reafirmar que todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas na íntegra.

6.3.2 Diário de campo

Durante a pesquisa, o *diário de campo* foi um instrumento fundamental para acompanhar todo o processo de entrevistas e experiências em campo, visando a composição da história de vida do entrevistado.

É evidente que a pesquisa nunca teve a pretensão etnográfica, porém o princípio de utilização do diário de campo foi o mesmo, ou seja, como instrumento de acúmulo de dados para posterior análise, reflexão e inserção, caso necessário, no texto final do estudo.

O diário foi sendo preenchido logo após os encontros com os entrevistados, detalhando-se os lugares visitados, as pessoas entrevistadas e seus hábitos, acontecimentos extras e não previstos, complementando, por exemplo, gravações em áudio. O diário de campo permite a formulação posterior de sínteses baseadas em recorrências, ou seja, em padrões manifestos e somente percebidos com o acúmulo de anotações, porém neste estudo teve papel bem menor em relação às entrevistas transcritas.

As anotações realizadas nesse diário de campo e nas fichas resumidas das entrevistas contiveram detalhes do ambiente onde se realizou a entrevista, sensações e sentimentos surgidos durante a entrevista, impressões gerais sobre o entrevistado, entre outros elementos essenciais para reflexões posteriores.

O uso mais intenso do diário ocorreu no período de estadia em Milão, pois as anotações serviam para detalhar as experiências vividas no dia a dia da universidade, notando-se diferenças marcantes. A participação em defesas (bancas de mestrado e graduação), a observação de eventos com os alunos de doutorado e a participação em aulas de mestrado foram os pontos principais das anotações, permitindo entender melhor como o doutorando vai sendo formado no ambiente da UCSC. Foram essas questões que levaram a buscar posteriormente os dados que compuseram a seção intermediária da tese, quando procurou-se detalhar os sistemas de ensino italiano e brasileiro (Capítulo 4).

6.4

Procedimentos para coleta de dados e preparação do material empírico

Serão descritos a seguir os procedimentos que foram adotados nas duas fases da pesquisa, um voltado para a exploração do campo com a sondagem inicial das apreensões e experiências dos sujeitos e outro para a realização do estudo propriamente dito.

6.4.1

Entrevistas-piloto e entrevistas de ambientação

Foram realizadas na fase inicial do estudo 4 entrevistas com os sujeitos ligados ao JER, que depois por recomendação do orientador de pesquisa na Itália, Pier Cesare Rivoltella, acabou-se por incorporá-las ao material empírico de estudo devido à riqueza de detalhes a respeito do processo autoral usando mídia digital, mesmo que estivessem menos estruturadas devido à fase inicial de aprimoramento do roteiro de entrevistas.

Na Itália também foi realizada uma entrevista inicial de ambientação com uma das integrantes do CREMIT. Esta entrevista serviu para compreender principalmente o modo em que o curso de doutorado da UCSC se estruturava, não sendo posteriormente transcrita. Questões a respeito da *escola de doutorado*, o novo modelo adotado na UCSC, puderam ser esclarecidas ou ao menos sondadas, assim como a busca de livros e artigos a respeito do sistema universitário italiano. Esta entrevista de ambientação também serviu como treino no uso da língua italiana, de modo descompromissado e para identificação de expressões idiomáticas comumente utilizadas.

6.4.2

Estudo de casos múltiplos com entrevistas semi-dirigidas

Sobre a narrativa de vida, faz-se importante evidenciar que nenhum relato é neutro ou fiel ao ocorrido, pois é repleto de interpretações, cortes, seleções e filtros do entrevistado. Não é a toa que boa parte das entrevistas continha trechos de experiências não relacionadas diretamente às perguntas feitas ou ao que se esperava ser respondido. Mesmo assim eram em sua maioria úteis, até certo

ponto, para abrir a mente sobre aspectos não pensados até aquele momento, que surpreendiam por não fazerem parte do repertório estabelecido previamente.

Para amenizar tais ocorrências quando excessivamente fora do escopo da pesquisa, procurou-se fazer perguntas que levassem o entrevistado a fornecer dados mais objetivos de sua vivência e foi oferecido menos espaço a considerações interpretativas a respeito dos temas em questão, embora nem sempre fosse uma tarefa viável face aos imprevistos que uma entrevista oferece (não podemos sempre prever o que o sujeito irá fazer ou que ideias serão associadas por ele).

Não tivemos como objetivo neste estudo obter *toda* trajetória de vida do sujeito (desde o nascimento até o momento atual, com todas suas relações familiares, sociais, econômicas, políticas, tecnológicas etc), mas somente os pontos significativos e relevantes de acordo com o foco da pesquisa.

No contexto deste estudo, decidiu-se por um encontro e uma entrevista somente, pois optamos pela diversidade contida na variedade de experiências do conjunto dos 16 casos e menos pelo aprofundamento em um caso específico, até mesmo porque o objetivo era captar práticas emergentes, efetuar contrastes e variações, e não necessariamente o aprofundamento minucioso de cada uma destas práticas.

A consequência evidente de tal decisão é a ausência de certos detalhes, vistos posteriormente quando no momento de análise de cada entrevista, porém não comprometedores do conjunto, pois o objetivo foi a análise de práticas e tendências da autoria dos acadêmicos usando suportes digitais e não o caso específico de um deles.

Outro ponto que pudemos observar é que boa parte dos sujeitos não estaria disposta a ser entrevistada novamente, especialmente no caso das entrevistas realizadas na Itália onde a resistência era maior, assim como seria inviável a massa de dados transcrita, o que forçosamente diminuiria o número de sujeitos e a diversidade de experiências.

Dessa forma reafirmamos que o procedimento de gravação (registro em áudio) das entrevistas foi muito importante, permitido por todos os entrevistados e assumido como pré-requisito para a validade e incorporação da entrevista ao conjunto de casos, assim como anotações realizadas em diário de campo e nas fichas resumidas das entrevistas, contendo detalhes do ambiente onde se realizou

a entrevista, sensações e sentimentos surgidos, impressões gerais sobre o entrevistado, entre outros elementos para reflexões posteriores.

Entre os diálogos e entrevistas de aculturação, destacamos a conversa agendada com a coordenadora do programa de pós-graduação da UCSC a respeito do curso de doutorado e da escola de doutorado recém-implantada, a conversa informal com a coordenadora administrativa do CREMIT, as conversas informais com alunos de mestrado e doutorado da UCSC e com o próprio orientador italiano da pesquisa a respeito da universidade e do sistema italiano de ensino.

Outra estratégia de ambientação na UCSC foi a priorização de se trabalhar sempre que possível dentro da universidade, na sala de atividades do CREMIT, visando a observação diária dos trabalhos de doutorandos, pesquisadores, funcionários e outros personagens presentes no dia a dia universitário. Quando convidado ou permitido, foi possível também participar de eventos e solenidades ao longo do ano letivo na universidade, como defesas de doutorado e mestrado e seminários internos promovidos pelos alunos de doutorado em Educação.

Quanto à *pesquisa documental*, esta ocorreu em alguns momentos após a realização das entrevistas, em que foi recolhido, por exemplo, entre muitos outros tipos de documentos, as teses defendidas (quando disponíveis), os currículos disponíveis na rede, o acesso a sites pessoais dos entrevistados na universidade ou fora dela, assim como sua presença em redes sociais gerais (Facebook) e específicas (Linkedin) e outras marcas deixadas pela internet.

Infelizmente, não houve viabilidade para a coleta ou mesmo observação dos arquivos coletados pelos pesquisadores e armazenados em seus computadores pessoais ou na rede, ao menos quando os mesmos faziam questão de exibí-los, o que ocorreu em somente 2 dos 16 casos, pois se encontravam no ambiente de trabalho dos mesmos. Entre os motivos, primeiro está (a) a questão delicada de acesso a um dispositivo que, acima de tudo, é de uso pessoal, (b) depois pela diversidade de formas de armazenamento e não-armazenamento, com a desorganização de parte dos sujeitos com seus arquivos perdidos, (c) também pelo caráter autoral da seleção de dados que podem servir para pesquisas futuras e que demandaram certo tempo de trabalho em sua garimpagem e organização e (d) por último o local escolhido pelos sujeitos para realização das entrevistas, quase todos fora do ambiente e dos equipamentos onde foram produzidas as teses.

No caso italiano, houve a recusa, pela quase totalidade dos sujeitos entrevistados, em enviar o arquivo de suas teses, devido a direitos autorais (no caso europeu onde esse valor é bem mais forte que na filosofia de acesso livre brasileira) e por muitos já a terem publicado em formato de livro.

Escolhas metodológicas para as entrevistas	Roteiro semi-estruturado sempre presente
	Somente uma entrevista por sujeito
	Entrevistador define o rumo e os assuntos da entrevista
	Foco na variedade de casos e diversidade de experiências
	Todas as entrevistas gravadas e transcritas pelo próprio pesquisador
	Documentação complementar quando disponível

Quadro 12 - Escolhas metodológicas para as entrevistas

6.4.3

Procedimentos quanto à transcrição das entrevistas e resumo dos pontos principais

Todas as 16 entrevistas realizadas foram transcritas e impressas, sendo criados alguns recursos ao longo do processo que explicaremos brevemente, pois serão visíveis quando os dados forem exemplificados no próximo capítulo.

O *primeiro recurso* utilizado veio a partir da necessidade de evidenciar movimentos, sons e pausas que não poderiam ser registradas em áudio ou em palavras. A solução encontrada foi colocar entre parênteses uma descrição do que acontecia no contexto, ajudando a entender determinada fala ou determinado ruído. Por isso foi importante a transcrição imediata de cada entrevista, para que as memórias sobre estes pequenos ocorridos não fosse perdida, o que comprometeria a compreensão posterior devido ao volume de dados ser extenso.

Exemplo:

É muito bacaninha esse sebo.. aí você põe lá e compra... eu tava... esse aqui não (ela aponta o livro que deixou sobre a mesa), mas eu tava querendo um livro português, do Augusto Santos Silva (Entrevista 16, p. 9)

Um *segundo recurso* utilizado foi indicar pequenas pausas através de reticências ao final da última palavra dita, evidenciando as hesitações e trocas de palavras, assim como repetições seguidas da mesma palavra pelo entrevistado, mostrando em que momento estava construindo seu pensamento e onde vacilava em seu raciocínio. Sons como “é...”, “hummm...” foram todos transcritos tais como pronunciados, não havendo nenhuma interpretação ou omissão que visasse somente a estética do texto. Fiz o mesmo com as palavras cortadas a exemplo de “estud.. lia isso”, palavras estas que pudessem apontar para uma hesitação e troca de palavras por parte do entrevistado.

O *terceiro e último recurso* que se lançou mão foi a utilização de um parêntese com reticências, ao modo de “(...)” para indicar um som que não foi entendido durante a gravação, orientando o leitor a respeito de uma frase que possa ter ficado entrecortada pela ausência de uma ou mais palavras. O parêntese com palavras dentro seguida de uma interrogação, ao modo de “(fornecia?)” indicava uma suspeita sobre a(s) palavra(s) pronunciada(s), mas sem ter a certeza exata e preferindo-se indicar esse fato ao leitor. Essa incerteza acontecia diante da pronúncia fraca ou entrecortada do entrevistado ou pela própria qualidade da gravação e ruídos de fundo.

Para ajudar a situar a transcrição no tempo e espaço, foi criado um pequeno cabeçalho em cada arquivo contendo as seguintes entradas: (1) Data da entrevista; (2) Local da entrevista; (3) Hora da entrevista; (4) Tempo total da entrevista.

Mais tarde, depois das entrevistas impressas, também acrescentou-se o número da entrevista em relação à ordem que foi feita no tempo, a exemplo de: BR N01 para a primeira entrevista e que foi feita no Brasil e IT N07 para a sétima entrevista e que havia sido feita na Itália.

Após a transcrição, o material era impresso para uma *leitura flutuante* inicial (Bardin, 1977), destacando-se pontos interessantes, temáticas que surgiam e eram recorrentes nas entrevistas, já preparando a fase seguinte de análise de conteúdo. Fizemos então, para cada entrevista, uma redução com duas ou três

Figura 12 - Exemplo de uma ficha com o resumo dos pontos principais da entrevista.

Na variável “Pontos principais da entrevista”, o fichamento seguia as seguintes seções temáticas – também podendo ser chamados de *eixos temáticos* – que foi criado a partir da leitura flutuante feita inicialmente, ajudando a subdividir os pontos principais da entrevista por assuntos e não por ordem em que foram ditos pelo entrevistado:

Eixos temáticos	(I) <i>Trajetória de vida acadêmica e digital</i>	Com assuntos relacionados principalmente aos cursos que fez antes do doutorado e os trabalhos que esteve envolvido, assim os momentos iniciais de contato com o computador e a internet.
	(II) <i>Usos da tecnologia</i>	Tudo relacionado ao uso cotidiano de recursos do computador e da internet, academicamente ou fora da academia.
	(III) <i>Modo de leitura</i>	Usos da tecnologia envolvendo modos de se ler, tanto nos suportes impresso quanto nos digitais.
	(IV) <i>Modo de escrita</i>	Modos de se escrever, tanto nos suportes impressos como nos digitais.
	(V) <i>Uso de fontes</i>	Diversas posturas, estratégias e práticas na pesquisa e no uso de fontes para o desenvolvimento da tese acadêmica.
	(VI) <i>Modo de organização</i>	Relação com as estratégias de organização dos materiais coletados durante a tese, tanto digitais quando impressos.
	(VII) <i>Modo de comunicação</i>	Maneiras de se comunicar com sujeitos da pesquisa ou pesquisadores acadêmicos, caso tenham existido, tanto via suportes tradicionais quanto os mais recentes e emergentes.

Quadro 13 - Síntese dos eixos temáticos surgidos a partir da leitura flutuante do material empírico.

Esta sequência seguia os principais temas tratados no roteiro de entrevistas e também foi utilizada na criação posterior de uma tabela com as dimensões detalhadas de análise (ver Anexo V), para obter então um quadro de categorias temáticas. As fichas resumitivas, junto com o material impresso, serviram de base para a fase seguinte, a análise dos dados propriamente dita.

6.5

Instrumentos e procedimentos para a análise de dados via criação de categorias temáticas

O campo de técnicas escolhido para a análise dos dados coletados (e transcritos) foi a *Análise de Conteúdo* da comunicação, compilada em suas diferentes fases, dimensões de aplicação, variações de métodos e campos disciplinares de utilização por Laurance Bardin (1977).

A análise de conteúdo (seria melhor falar de análises de conteúdo), é um método muito empírico, dependente de tipo de “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe o pronto-a-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. (1977, p. 30-31)

Segundo Bardin (1977, p. 32), “qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou não por este, deveria poder ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo”. Aqui se incluem as entrevistas transcritas, ou seja, uma transposição para a linguagem escrita de uma conversa entre dois indivíduos, um relato oral registrado, sendo todo processo guiado ou não por um roteiro.

Cabe lembrar que a análise de conteúdo não é uma análise linguística, não está preocupada com as regras de funcionamento da língua, mas sim com a língua sendo utilizada em ato, de forma prática, por emissores identificáveis. Não é tampouco uma análise documental, mais preocupada em classificar e indexar documentos, os representando de maneira condensada para consulta e armazenagem do que com a criação de indicadores que permitam gerar inferências sobre a comunicação em análise (1977, p. 43-46). Classificar e indexar em categorias temáticas compõe parte das etapas da análise de conteúdo, mas não a análise em si.

A técnica tanto pode servir a fins de medida quantitativa, por exemplo, o número de incidências de determinada palavra ou conjunto de expressões (indicadores), como também para classificar em categorias (temas, assuntos) o conteúdo dos textos, agrupando-os por significação. Bardin (1977, p. 117) define categorias como “rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos”.

O que importa na análise de conteúdo é que sirva para a criação de condições práticas para se ultrapassar a simples apreensão ingênua ou intuitiva sobre os dados, ou seja, a ilusão de que os documentos são transparentes e falam espontaneamente sobre si, evitando o risco de produzir conclusões que somente reforçariam convicções pessoais. É, enfim, uma técnica de ruptura com as primeiras impressões a respeito do objeto de pesquisa, ajudando a enriquecer a

leitura e dar maior subsídio na produção de generalizações sobre os textos que possam ser compartilhadas por outros pesquisadores.

Esses aspectos devem servir para fazerem-se *inferências*, chegar-se a deduções sobre as condições de produção de determinado fenômeno usando-se, para tal finalidade, *indicadores*, que podem ser semânticos (frequência de termos ou presença de temas a partir de seus significados), linguísticos (extensão de frases, ordem dos elementos significantes) ou mesmo paralinguístico (entonação, pausas).

A inferência é a etapa intermediária entre a fase de *descrição* do material, resumida após tratamento em um conjunto de características do texto, e a *interpretação* final quando se atribui a significação a estas características, ou seja, novas significações atingidas depois da análise dos significantes e significados iniciais. Sobre essa atividade do analista, Bardin (1977, p. 41) ensina que:

A tentativa do analista é dupla: compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também e principalmente *desviar* o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira. A leitura efectuada pelo analista, do conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura “à letra”, mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano.

Para isso, pode-se utilizar *recursos informáticos*, aplicados a partir dos anos 60 e que se valem hoje de todo avanço de processamento e cálculo, com programas que selecionam automaticamente expressões e palavras a partir de dicionários já configurados para esse fim (foco quantitativo), ou então pela simples separação manual em arquivos de computador de trechos correspondentes – palavras, frases, parágrafos – a categorias pré-definidas pelo pesquisador (foco qualitativo).

Como *unidade básica de codificação* (e sentido) para que se realize a análise, escolhemos o *tema* (Bardin, 1977, p. 105), entendido como o destaque de um conjunto de frases ou mesmo de uma única frase ou fragmento, pois dessa forma a significação de tais blocos poderia expor facetas da autoria usando suportes digitais contidas nas entrevistas transcritas e ao mesmo tempo servirem como objetos de citação a serem evidenciados no relatório final de pesquisa.

A opção por selecionar fragmentos, frases e parágrafos temáticos como unidade se deve a escolha por não priorizar a produção de estatísticas e

verificação numérica de recorrências, e sim explicitação qualitativa desta autoria, suas características e tendências. Dessa forma abriu-se mão das vantagens que a recorrência de determinadas palavras ou expressões poderia oferecer.

Quando possível, procurou-se explicitar a *unidade de contexto*, ou seja, o parágrafo ou pequeno conjunto de frases em que a unidade temática se encontrava, a fim de situar o leitor de maneira mais ampla no momento da entrevista em que o trecho foi retirado. Já o trecho a qual o tema se manifestava com maior intensidade foi destacado através de sublinhamentos.

Continuando a seguir as orientações de Bardin, adotamos o método de categorias, “rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivas, da mensagem (...) um método taxionômico bem concebido para satisfazer os colecionadores preocupados em introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente” (Bardin (1977, p.37)

A autora ainda complementa dizendo que é um método simples, porém trabalhoso (ela diz exatamente “fastidioso”) quando feito manualmente, comparando a caixas de sapato em que selecionamos objetos baseados em características previamente definidas, o que depende de nosso problema de pesquisa, e os distribuímos para cada caixa correspondente.

De fato o método consumiu dois meses de atividade, classificando cada um dos 16 casos transcritos e selecionando os trechos que correspondiam a cada uma das 45 categorias temáticas (variáveis) criadas. Procurou-se selecionar o subitem correspondente ao que era dito pelo entrevistado, pelo primário recurso do copiar e colar fornecido pelo editor de textos. Foram então, falando de maneira metafórica, 720 “caixas” preenchidas com as centenas de falas (trechos selecionados correspondentes ao tamanho de um parágrafo) dos entrevistados, ajudando na montagem de perfis de uso para cada um deles.

Para a criação das 45 categorias temáticas (*dimensões de análise autoral* ou *variáveis de análise*) que serviram de base para a análise de cada entrevista, foi necessário primeiro uma releitura de todas as fichas resumitivas, estas resultantes da *leitura flutuante* da entrevista bruta logo após sua transcrição, através de sublinhamentos para destacar pontos principais e anotações na lateral das entrevistas impressas, ainda de modo bastante artesanal.

O processo de criação das categorias foi, portanto, a partir do que *emergia dos discursos* e não de categorias previamente criadas, embora as leituras de

teóricos a respeito das novas tecnologias de informação e comunicação, assim como aqueles dedicados aos intelectuais e seus modos de fazer pesquisa tenham influenciado decisivamente, desde o começo da pesquisa, aquilo que era perguntado e, portanto, obtido nos depoimentos dos entrevistados. Dessa forma, com as fichas resumitivas em mãos, realizou-se a comparação por atacado de cada uma das 7 subdivisões (eixos temáticos) surgidas de cada uma das 16 fichas. Esta foi a fase de *pre-análise* ou *preparação do material*, descrita de maneira mais completa no tópico anterior quando foi relatada a fase da transcrição.

A criação das categorias temáticas foi um modo de organizar conteúdos dispersos ao longo dos depoimentos obtidos em um total de 319 páginas. Não foi um processo fácil, as categorias temáticas / variáveis foram sendo acrescentadas pouco a pouco, a partir da percepção que se tinha de recorrências, de processos em comum, de aspectos que os entrevistados iam revelando ao longo de seus depoimentos e que ficavam pouco a pouco mais claros durante a leitura flutuante. Podemos dizer que a criação do quadro com as categorias temáticas, chamado de “dimensões da análise autoral”, ocorreu ao modo de um quebra-cabeça montado pouco a pouco de acordo com o desenvolvimento da leitura das transcrições.

Dessa forma, por exemplo, na subdivisão chamada de “Trajetória de vida acadêmica e digital” tínhamos em mãos, ao final, 16 conjuntos de parágrafos resumindo o que cada um dos 16 entrevistados falou a respeito desse tema, resultando então em variações de usos, conjunto de práticas, diferentes graus e tipologias que poderiam ser resumidas para cada uma das categorias temáticas encontradas. Essa foi a forma escolhida para analisar em conjunto e que depois, com as categorias criadas, foi possível a análise minuciosa de cada um dos 16 entrevistados, caso a caso, fala por fala.

A figura a seguir mostra, de maneira resumida, uma das 7 subdivisões (Eixo temático I) contendo variáveis e cada uma das variáveis com as variações internas generalizadas a partir da leitura dos resumos das 16 entrevistas.

DIMENSÕES DE ANÁLISE PARA PERFIL	TRECHOS DAS ENTREVISTAS
I. Trajetória de vida acadêmica e digital	
1. Relação com a Academia (Academicidade) (1) Sempre se dedicou (2) Chegou recentemente (menos de 5 anos) (3) Veterana na academia (mais de 5 anos) (4) Nunca se dedicou	
2. Posição universitária (Autoridade) (1) Professor sem influência alguma (2) Professor pouco influente e ainda sem ocupar função de destaque (3) Professor com destaque e carreira consolidada (4) Não era professor	
3. Momento (Temporalidade) (1) Jovem (2) Meio de carreira (3) Fim de carreira	
4. Área de procedência (Anterioridade) (1) Educação (2) Humanas em geral (3) Tecnológica em geral	
5. Uso de TICs (Tecnicidade) (1) Forte dependência das TICs na profissão (2) Média dependência das TICs na profissão (3) Baixa dependência das TICs na profissão	

Figura 13 - Exemplo de uma seção da ficha de análise de entrevista contendo 5 categorias temáticas no lado esquerdo e seus subitens.

O objetivo com a formação dessas variáveis foi obter de maneira mais clara o perfil de cada caso exposto em cada uma das 16 entrevistas e com isso permitir uma comparação interna dos casos, a partir de uma observação inicial por generalizações representadas nas categorias temáticas.

Podemos complementar aqui que não foi objetivo somente a exibição exemplificativa dos trechos das entrevistas. O primeiro objetivo da pesquisa foi a criação das próprias categorias temáticas de análise, com seus graus e tipologias (ver Anexo V), abstraindo sua complexidade a partir de todos os casos, visando uma avaliação posterior do processo de escrita da tese por outros doutorandos em um instrumento prático e objetivo (um questionário ou uma ficha avaliativa, por exemplo). O segundo objetivo nesta análise foi obter tendências na escrita das

teses usando mídias digitais através da exemplificação contida nos perfis encontrados, ou seja, produzir generalizações analíticas.

Cabe também esclarecer que a opção por não utilizar um software de análise qualitativa dos dados deu-se pela limitação destes softwares de exibirem o conjunto *eixo-categoria-subitem-conteúdo* ao mesmo tempo, de modo visualmente agradável e claro, tal como é permitido com as tabelas criadas no Microsoft Word. Uma tentativa inicial com o software nVivo 8 foi feita, porém a exibição por barras laterais das variáveis em relação ao texto não permitia sua visualização em conjunto (45 variáveis simultaneamente e seus 204 subitens).

Na etapa final da análise, usamos um software para obter um “mapa” visual do resultado final da aplicação de cada uma das 45 variáveis em cada entrevista-caso (ver Anexo VI), o software MindManager 9.

O caminho percorrido pode, assim, ser visualizado pelo quadro abaixo:



Figura 14 - Resumo das etapas de pré-análise das entrevistas e análise de conteúdo.

III. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS